



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MEMÓRIAS E INCURSÕES SOBRE COMPROMISSO E ÉTICA NA/DA FORMAÇÃO DOCENTE

Gaetana de Brito Palladino Pereira*
(UESB)

Luciano Palladino Pereira**
(UESB)

RESUMO

O presente artigo apresenta discussões sobre a formação docente em momento de revisões e rediscussões acerca da importância e definições da escolarização. Buscou-se o balizamento teórico de autores que tratam da temática partindo de fontes que revelam o apreço incondicional à aprendizagem e à compreensão da ciência geográfica como forma de ler e compreender o mundo, por meio de leituras realizadas em espaços escolares repletos de contradições e simbolismos por vezes tão “descolados” das vivências cotidianas. Propõe ainda uma reflexão sobre a formação inicial dos professores de Geografia, e busca reafirmar que, ter a escola como fonte de vida, é o que estimula a busca de informações por meio de investigações constantes, tendo em vista a busca da rebeldia, inquietude, curiosidade e motivações para que a Geografia possa vir a ser a vida por excelência. Logo, o texto é inconcluso quanto à pertinência das mudanças possíveis, porém aponta caminhos para reflexões sobre a formação e a prática docente do professor de Geografia.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Formação. Prática Docente.

INTRODUÇÃO

O texto ora apresentado é resultado de um conjunto de observações possibilitadas por experiências vivenciadas na Universidade Estadual do Sudoeste

*Professora Assistente do Departamento de Geografia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: gaepallau@gmail.com.

**Discente do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: lucianopallau@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

da Bahia – UESB e, por meio deste, diferenciadas incursões em salas de aula da Educação Básica, como também, e principalmente, o permanente diálogo teórico-metodológico com professores que atuam nos seus diferentes ciclos de aprendizagem.

Diferentes caminhos poderiam ter sido escolhidos para, mais uma vez, discutir tais constatações. Optamos por refletir sobre a formação e a prática docente percorrendo o viés da autonomia e da ética, considerando a importância da aquisição do conhecimento geográfico na compreensão e inserção nos diferentes espaços de vivência.

Para argumentar e inserir o debate proposto foi importante o suporte teórico oferecido por Freire, Cavalcanti, Callai, Castellar, Straforini e outros autores que vem aprofundando estudos sobre a aquisição do conhecimento geográfico desde os primeiros anos da escolarização e a necessidade de se levar tais reflexões para o espaço de formação inicial do professor de Geografia: a Universidade.

Assim, a temática escolhida percorrerá o caminho da formação inicial do professor de Geografia, sendo esta, a ciência geográfica, o suporte da autonomia, da retidão, da ética e, principalmente na consistência teórico-metodológica na compreensão e intervenção no espaço, com diferentes possibilidades conceituais e epistemológicas.

O viés escolhido para tratar da formação docente e da prática educativa leva em conta a autonomia dos saberes e a sua importância para a condição do ser humano de estar sempre em busca de novas aprendizagens tendo em vista a concretização dos seus sonhos e utopias.

Assim, *formar* ganha um sentido muito mais amplo do que a etimologia da palavra sugere. Formar docentes, na perspectiva aqui adotada, vai além da destreza e capacidade de desenvolver tarefas. A formação de docentes deve contemplar o próprio sentido da vida e da existência humana. Logo, a Geografia e os seus processos de aprendizagens não devem ser pensados de forma isolada da



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

concretude que a torna ciência. O espaço construído, transformado e modificado pela ação do homem, se apresenta e deve ser interpretado em conformidade com as aprendizagens adquiridas e por meio do como apresentamos, discutimos/ensinamos/aprendemos a ciência geográfica. Cavalcanti abordou tal discussão ao afirmar:

Pelo que se sabe a maior parte dos cursos de Geografia forma profissionais para atuarem no ensino, mas, no imaginário de professores que formam aqueles profissionais, e de alunos que se formam nesses departamentos, a perspectiva de formação é a do profissional pesquisador, planejador. O que se observa é a mesma racionalidade fundamentando a formação dos profissionais, qualquer que seja sua modalidade (2002, p. 106).

Consideramos que as observações apresentadas pela autora são extremamente pertinentes quando falamos de qualidade na formação docente. Para muitos, a racionalidade técnica ou a consistência teórica por si já seriam suficientes para exercer a docência. A combinação teoria-prática de elementos da ciência geográfica poderia contribuir para que a flexibilidade necessária para se assumir uma sala de aula diversa nos sentidos de interesses, da aprendizagem, da cultura, do social, etc se concretizasse. Sobre isso, Pereira argumenta:

A principal crítica que se faz a esse modelo de formação é a separação entre teoria e prática na preparação profissional, a prioridade dada à formação teórica em detrimento da formação prática e a concepção da prática como mero espaço de aplicação de conhecimentos teóricos, sem um estatuto epistemológico próprio. Um outro equívoco desse modelo consiste em acreditar que para ser bom professor basta o domínio da área de conhecimento específico que se vai ensinar (1999, p. 113).

Portanto, nós, professores/formadores, deveremos buscar, de forma incondicional, a responsabilidade ética no nosso fazer docente. Essa responsabilidade deve ser buscada em todos os momentos da prática educativa,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

aliando teoria e prática docente, explorando a maior quantidade de possibilidades conceituais e epistemológicas, experimentando a prática, sob pena de transformarmos a Geografia em uma mera ciência de síntese ou, no outro extremo, em um dogma, um caminho único da prática formadora.

Para Rios,

É preciso pensar que o educador competente é um educador comprometido com a construção de uma sociedade justa, democrática, no qual saber e poder tenham equivalência enquanto elementos de interferência no real e organização de relações de solidariedade, e não de dominação, entre os homens. [...] O resgate da significação da dimensão política e da dimensão técnica pela mediação da perspectiva ética abre a possibilidade de enfocarmos uma nova luz a questão do poder na educação (1995, p. 65).

Falar de ética do professor inspirada em Paulo Freire nos remete a uma reflexão acerca da nossa postura ética frente a concepções epistemológicas muitas vezes antagônicas entre pares e que, apesar de a divergência conceitual ser salutar, não se percebe o respeito e a lealdade com que um analisa e critica a opinião/concepção do outro. Santos confirma tal assertiva ao destacar:

O respeito ao indivíduo é a consagração da cidadania, pela qual uma lista de princípios gerais e abstratos se impõe como um corpo de direitos concretos individualizados. A cidadania é uma lei da sociedade que, sem distinção, atinge a todos e investe cada qual com a força de se ver respeitado contra a força, em qualquer circunstância (SANTOS, 2007, p. 19).

Buscar poder sobre um grupo de pessoas a partir por meio da alienação teórica não reflete uma postura ética frente ao papel e poder inerente a quem tem o controle do conhecimento técnico. Se para Freire quem tem a palavra tem o poder, podemos então inferir que ter conhecimento é ter o poder da palavra. Impedir o outro de ouvir outras palavras, outros conhecimentos e a partir daí



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

formar a sua opinião e defender princípios epistemológicos não é postura a ser aplaudida em um educador. Não é uma atitude cidadã.

Quando se confundem cidadão e consumidor, a educação, a moradia, a saúde, o lazer aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais. Até mesmo a política passa a ser uma função do consumo. Essa segunda natureza vai tomando lugar sempre maior em cada indivíduo, o lugar do cidadão vai ficando menor, e até mesmo a vontade de se tornar cidadão por inteiro se reduz (SANTOS, 2007, p. 127).

A Geografia, como outras tantas ciências, é rica em conceitos e concepções diferenciadas que vão desde Alexandre Humbolt e Karl Ritter, Friedrich Ratzel e Vidal de La Blache, Richard Hartshorne, o Positivismo de Augusto Comte, até a contemporaneidade das diferentes abordagens da Geografia. A riqueza e diversidade de pensamentos devem ser exploradas por educadores que conhecem o sentido ético do processo educativo, fazendo dos seus alunos livres-pensadores na arte de conhecer e defender um ideal, uma forma de organização, interpretação e compreensão espacial.

Se o professor de Geografia é o grande mediador do processo de formação do aluno, se a qualidade dessa mediação interfere nos processos intelectuais, afetivos e sociais do aluno, ele tem tarefas importantes a cumprir. Sua formação inicial e continuada, que ocorre nas Universidades e Faculdades e no exercício cotidiano da profissão deve estar voltada para o cumprimento dessa tarefa social (CAVALCANTI, 2002, p.20-21).

A opção de falar da questão ética no contexto da formação docente é a concordância de que é essencial a ética na docência como prática de vida. Não podemos pensar em fazer uma formação conseqüente, transformadora, crítica, sem amarras conservadoras se não nos assumimos como sujeitos éticos. Ainda em Freire (2007, p. 19), “a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade, mas não é uma virtude. A ética como marca da natureza humana é absolutamente indispensável à convivência humana”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Ensinar, aprender, refletir sobre qualquer que seja a área de conhecimento requer, por parte do professor, uma orientação pautada naquilo que é essencial no seu ofício: uma formação autônoma do sentido da competência teórica, na eficácia metodológica e na segurança articulação entre o que se ensina e o que se vive, objetivando uma relação necessária entre o que se aprende ou o que se ensina com a difícil tarefa de viver e/ou sobreviver com dignidade e apreço à vida.

O processo de formação de professores visa, nessa perspectiva, ao desenvolvimento de uma competência crítico reflexiva, que lhes forneça meio de pensamento autônomo, que facilite as dinâmicas de autoformação, que permita a articulação teoria e prática do ensino (CAVALCANTI, 2002, p.21).

Assim, mesmo com o reduzido tempo de aprender em sala de aula, busca-se oferecer aos professores/alunos a possibilidade de fazer a opção entre ser crítico, ser tradicional, ser adepto da geografia da percepção ou da ecológica, da possibilista ou da determinista, da humanista ou da marxista, pois, acreditamos que somente com a convicção e firmeza de conhecimento poderemos desenvolver uma Geografia conseqüente e transformadora na sala de aula.

Nesse sentido, Malglaive reflete que:

A educação espontânea conhece limites. Quando as actividades indispensáveis à vida da sociedade se tornam numerosas e complexas, os conhecimentos necessários à acção já não podem adquirir-se pela simples convivência, mesmo que quotidiana e organizada com os que agem. É então que se instaura a escola como momento separado das práticas sociais e profissionais para as quais ela está encarregada de preparar (1990, p. 115).

Há de se convir também, que a opção epistemológica dos professores/formadores acaba por influenciar a sua prática docente. A repetição de frases e conceitos anunciados se dilui quando, em sala de aula, chega a hora de por em prática a teoria apreendida. O fato de apenas repetirem e, de fato não



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

acreditarem ou mesmo compreenderem o que defendem, torna-se condição para um fracasso didático na apreensão do conhecimento.

Para o educador progressista não há outro caminho senão assumir o “momento” do educando, a partir do seu “aqui” e de seu “agora”, somente como ultrapassa, em termos críticos, com ele, sua “ingenuidade”. Não faz mal repetir que respeitar sua ingenuidade, sem sorrisos irônicos ou perguntas maldosas, não significa dever o educador se acomodar a seu nível de leitura do mundo (FREIRE, 2000, p.46).

Cientes de que a convivência democrática não exclui tensões e não elimina contradições, firmou-se o entendimento de que tanto o espaço escolar como a ação pedagógica que estavam sendo construídos teriam que passar pelo crivo de uma reflexão que exigia o esforço de pensar e de produzir idéias.

Assim, o cuidado ao se introduzir a discussão epistemológica deverá ser pautado em observar a dimensão ética embutida nas dimensões técnica e política, pois o processo educativo que se desenvolve na escola tem por princípio a socialização do conhecimento histórico e socialmente construído, tendo em vista a construção de novos saberes. Esses novos saberes deve levar em conta o resultado da intervenção coletiva e individual na realidade, na medida em que a construção/transformação do espaço não acontece de forma aleatória, pois, “o homem é um ser no mundo. Ele não e, primeiro, e depois é no mundo. Ser no mundo já é constituinte do seu ser homem” (RIOS, 1993, p. 30) e a condição de ser humanos nos faz interventores, transformadores, construtores, sonhadores, utópicos.

Muito se tem discutido sobre o “descolamento” da Geografia aprendida na academia e a “ensinada” na Educação Básica. Muitos fatores poderiam aqui ser elencados, dentre eles, a dissonância que ainda prepondera nos Currículos dos Cursos de Formação, quando confrontados com o contexto sócio-econômico-



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

educacional, ainda desconhecidos ou não previstos, nas práticas pedagógicas dos docentes dos Cursos de Licenciatura.

Não se pretende aqui defender a “pedagogização” das ciências em suas especificidades, mas ressaltar a importância de se discutir, nos Cursos de Licenciatura, a forma de como se aprende e se ensina a futuros professores. E não se pode conceber tal objetivo, se, nós professores, não conhecemos ou compreendemos a Educação Básica, seus atores e sua estrutura.

Se a escola é um dos espaços onde se concretizam as diferentes formas de organização espacial nela se desencadeiam fenômenos geográficos, em seus aspectos políticos, econômicos, culturais, sociais. Assim, conhecê-la é condição *sine qua non* para compreender o nosso papel e o nosso lugar no processo de formação docente e o nosso papel no mundo, mundo esse que se nos apresenta “quase que sem fronteiras” se levarmos em conta o avanço técnico-científico que não nos permite viver o local sem levar em conta o global.

Assim, a Geografia deve se preocupar mais com os laços que dão origem ao complexo geográfico, do que com os fatos isolados que o compõem. Cada lugar é, segundo Santos (1997), dependendo dos mais variados pontos de vista, o mundo. Ou, como afirma Souza (1995, p.65), “todos os lugares são virtualmente mundiais”. Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torne-se exponencialmente diferentes dos demais (SANTOS, 1997, p.252).

Também, compreender que as paisagens são resultados da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades é imprescindível. E, para “isso, é necessário que se crie condições para que se leia o espaço vivido”(CASTELAR, 2000, p.30). Para tanto, é preciso saber olhar, observar, descrever, registrar e analisar. São as paisagens que mostram, por meio de sua aparência, a história da vida dos homens. A paisagem “não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. [...] e a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão” (SANTOS,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

1988, p. 62). A materialização do ocorrido transforma em visível, perceptível o acontecido. Descrever e analisar estas paisagens supõe, portanto, buscar as explicações que tal “retrato” nos permite.

Assim, ler o mundo por meio das categorias da Geografia é o desafio. Como desenvolver a curiosidade na criança para que ela possa avançar na sua leitura do mundo? “O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente ‘perseguidora’ do seu objeto”(FREIRE, 2007, p. 87). Essa linguagem será incorporada pelo aluno à medida que ele consiga operar racionalmente com os conceitos próprios da geografia. Ao ler o espaço, desencadeia-se o processo de conhecimento da realidade que é vivida cotidianamente. Constrói-se o conceito, que é uma abstração da realidade, formado a partir da realidade em si, a partir da compreensão do lugar concreto, de onde se extraem elementos para pensar o mundo (ao construir a nossa história e o nosso espaço). Nesse caminho, ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares, tem início um processo de abstração que se assenta entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido.

Se entendermos que a geografia é um instrumento importante para a compreensão do mundo, pensar o ensino de geografia é articular a leitura do mundo a leitura da palavra, na perspectiva de uma educação que possa instrumentalizar-nos a saber pensar o espaço vivido, pois,

[...] freqüentar uma escola nem de longe pode ser considerado como um treino para a vida, mas é o próprio viver se realizando e abrindo o jogo das possibilidades de nossas relações em cada momento. Em outras palavras: na vida não se treina, ela é o fazer por excelência(SANTOS, 1995, p.22).

Compreender/interpretar o mundo do ponto de vista geográfico, é entendê-lo como um mundo datado, cartografado. Segundo Freire ler é acompanhar criticamente o movimento do texto para apreender seu significado mais profundo; ler o mundo é acompanhar o movimento do mundo aprendendo o seu sentido e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sua significação: o mundo é o encontro das realidades históricas, que se materializam na sociedade humana em diversas formas de ações e feições: o espaço e seu uso, o tempo e seu uso (2006, p. 14-15).

Pensar a função escolar da geografia é colocar no centro do debate pedagógico a lógica, como instrumento fundamental à leitura do mundo. A escola ensina a pensar o mundo na perspectiva da lógica formal; o que do ponto de vista do processo ensino-aprendizagem, tem resultado num conhecimento ineficaz do mundo, impedindo a aquisição de novas posturas e a construção de respostas necessárias ao enfrentamento dos desafios que o cotidiano nos coloca.

Ensinar geografia é possibilitar as condições necessárias para que se construa um novo modo de compreender, cientificamente, o mundo. A tarefa que hoje se coloca para a geografia é a de explicar o mundo, desvelando *efeitos de verdade*, redescobrimo significados, desnudando imagens e recuperando identidades. E tudo isso deve acontecer na escola.

Para Callai (2005, p.228), uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos).

É quando surge a escola formal, as certificações, as validações do ensino que hierarquizam as pessoas dentro do nível de submissão à educação mais adequada ao sistema social no qual estão inseridas e que, nesse nível, já comporta muitos elementos artificiais de divisão de classes, de cultura, de trabalho, enfim, já possui



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

um "metabolismo" social voltado ao atendimento dos interesses de pessoas que dominam o tecido social.

O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, em que progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho. Tal demanda impõe uma revisão dos currículos, que orientam o trabalho cotidianamente realizado pelos professores e especialistas em educação do nosso país (BRASIL, PCN, 1997, p.5).

Vesentini (1999) é categórico ao afirmar que com a globalização a escola não tem somente a função de desenvolver a inteligência, o senso crítico, a criatividade e a iniciativa pessoal, mas também de discutir os grandes problemas do mundo.

Nesse sentido, como afirma Callai:

[...] estudar o lugar, como contrapartida ao movimento de homogeneização produzido pela mídia e pela ação concreta das grandes empresas, pode ser interessante por dois motivos. Primeiro, pelo fato de que, mesmo em um mundo globalizado, as idéias universais só se concretizam nos lugares, e não no global, no geral (2005, p. 242).

A autora conclui que uma sala de aula precisa ser local de contatos, exploração de culturas diferentes, uma vez que cada aluno, ao ingressar em uma escola, traz consigo uma bagagem cultural particular e rica que não pode ser ignorada.

Para Cavalcanti (*apud* CALLAI, 1998, p. 56) a Geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem e, como matéria de ensino, ela permite que o aluno "se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento.” O objeto de estudo geográfico na escola é, pois, o espaço geográfico, entendido como um espaço social, concreto, em movimento, permitindo uma análise do espaço concebido sendo resultado da relação sociedade/natureza.

Por outro lado, esse estudo pode trazer uma contribuição importante aos especialistas responsáveis pela elaboração das orientações pedagógicas do ensino público no Brasil. Portanto, os resultados desse estudo permitem ter um conhecimento mais aprofundado sobre os modos de apreensão do espaço, particularmente sobre aquele dos meios desfavorecidos, lugar de vida da maioria dos alunos das escolas públicas (KAERCHER, 2004).

As propostas para um ensino crítico de geografia trazem a necessidade de um trabalho criativo, questionador, de saberes científicos e de saberes cotidianos buscando interagir as diversas culturas. Na proposta de Geografia escolar expressa nos PCN's, de Geografia para a 1ª fase do ensino fundamental, como se pode perceber nos trechos a seguir:

Abordagens atuais da Geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam apresentar aos alunos os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno em diferentes momentos da escolaridade, de modo que os alunos possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito (BRASIL, 1997, p.115).

O ensino de Geografia, de modo geral, é realizado por meio de aulas expositivas ou da leitura dos textos do livro didático. No entanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios que comparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

“ler” a paisagem local e outras paisagens, presentes em outros tempos e espaços (VIANA, 1997).

A paisagem local, o espaço vivido pelos alunos deve ser o objeto de estudo ao longo das séries iniciais do ensino fundamental, relacionando o estudo da realidade com um contexto global. Pois, segundo Cavalcanti (2002, p.78), “O espaço vivenciado nos dias de hoje pelos indivíduos extrapola o lugar de seu convívio imediato. É um espaço que se tornou fluido, sem limites definidos, sem fronteiras, de difícil compreensão para o cidadão”. Os conteúdos selecionados devem permitir o pleno desenvolvimento do papel de cada um na construção de uma identidade com o lugar em que vive, desde o município até o planeta, compreendendo o espaço construído por ele.

Segundo Straforini (2004) ensinar geografia nos dias atuais requer dos professores a formulação de questões centrais tais como: para que se ensina geografia? Por que aprender geografia, uma vez que este deixou de ser um ensino tradicional baseado em livros didáticos e passou a ser interdisciplinar ligando um tema com outro adjacente?

Para Cavalcanti (2002) a formação de professores críticos-reflexivos, deve ser uma formação consistente, contínua, que procure desenvolver uma relação dialética ensino-pesquisa, teoria-prática. Trata-se uma formação crítica e aberta a possibilidade da discussão sobre o papel da geografia na formação geral dos cidadãos, sobre as diferentes concepções de ciência geográfica, sobre o papel pedagógico da geografia escolar. A experiência cotidiana do professor vai permitir uma melhor compreensão do ensino e de seus componentes, já que sua identidade é também construída e reconstruída nesse espaço. É necessário que o professor passe para os alunos, desde os primeiros anos de escolarização, que a geografia é uma ciência que estuda o espaço, a sociedade e o meio em que vivemos e que ela contribui e muito para a formação de cidadãos críticos e reflexivos capazes de atuar de forma dinâmica e autônoma no mundo.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Por fim, para funcionar de acordo com os princípios de transformação, o ensino teria que passar por uma sensível reformulação. O professor deve agir como um estimulador e orientador da aprendizagem cuja iniciativa principal caberia aos próprios alunos, proporcionando-o a compreensão do processo de formação de sua identidade e auxiliando na conquista da sua cidadania.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.
- CASTELLAR, Sônia Rufino. A alfabetização em geografia. **Espaços da Escola**, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.
- CASTROGIOVANNI, Antonio; CALLAI, Helena; KAERCHER, Nestor. **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. 2 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1971.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2007.
- _____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 47. Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na prática docente**: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica. São Paulo: USP (s/n), 2004.
- MALGLAIVE, Gerard. **Ensinar Adultos**: trabalho e pedagogia. Porto: Porto Editora, 1990.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- PEREIRA, Gaetana de Brito Palladino; MENDES, Geisa Flores; BENEDICTIS, Nerêida Maria Maffra; LEDA, Renato Leone Miranda. A Construção de um Projeto Político-Pedagógico em Geografia: um desafio necessário. In: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2004, Goiânia. Anais eletrônicos. Goiânia: AGB, 2004. Disponível em:<<http://www.cibergeo.org.br/agbnacional/>>.**
- PEREIRA, Júlio E. D. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Educação e Sociedade**, ano XX, n° 68, dez.,1999, p.109-125.
- RESENDE, Márcia S. **A Geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino.** São Paulo, Editora Loyola, 1986.
- RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e Competência.** São Paulo: Cortez, 1995.
- SANTOS, Douglas. Conteúdo e Objetivo Pedagógico no Ensino de Geografia. In: **Caderno Prudentino de Geografia.** Presidente Prudente: AGB. Dossiê: Geografia e Ensino. N° 17, p. 20-61, 1995.
- SANTOS, Milton. (1987). **O espaço do cidadão.** 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2007.
- _____. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. **O Espaço do Cidadão.** 5ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2000.
- SOUZA, Maria Adélia de. Razão global/razão local/razão clandestina/razão migrante, reflexões sobre a cidadania e o migrante: relendo (sempre homenageando) Milton Santos. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 20, p. 64-67, 1995.
- STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais.** São Paulo: Annablume, 2004.
- VESENTINI, José William. O novo papel da escola e do ensino de Geografia na época da Terceira Revolução Industrial. In: **Terra Livre: Geografia, Política e Cidadania.** n° 11-12. São Paulo: AGB, 1996.
- VIANA, Moacir da Cunha. (Org.). **Síntese dos PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais.** São Paulo: Didática Paulista, 1997.